

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

MEMO Nº 025 /COORD.GT/85

Em, 14 de julho de 1985

Do : Coordenador do GT instituído pelo Decreto nº 88.118/83
Ao : Srs. Membros do GT Port. Interministerial nº 002/83
Ass.: Área Indígena Geralda Toco Preto
Ref.: Proc. FUNAI/BSB/3593/79

Tendo em vista o Grupo de Trabalho mencionado no parágrafo 3º, do artigo 2º, do Decreto nº 88.118, de 23 de fevereiro de 1983, submetida a apreciação de V.Sas. os dados referentes à definição dos limites, da ÁREA INDÍGENA GERALDA TOCO PRETO, situada no Município de Grajau, no Estado do Maranhão.

I. CONSENSO HISTÓRICO

O povo Timbira, outrora numeroso, ocupava conforme Nimuen daju, um vasto território que se estendia a partir de 30 para 90 de latitude Sul, e de 420 para 490 de longitude Oeste, compreendendo entre outras, a região do médio Grajau.

Até o final do século XIX, cerca de quinze tribos Timbira, ainda habitavam o Maranhão.

Entretanto, com a descoberta e invasão daquele território, num processo que se prolonga por longos anos, deu-se o esfacelamento físico e cultural, da grande Nação Timbira.

De acordo com informações do Major do Exército, Francisco de Paula Ribeiro, que em 1800 andava por "Pastos Bons", na Província do Maranhão, o rio Grajau era habitado por "Tribus Timbiras".

Como os projetos de assentamento nas regiões banhadas pe-

gajau

Los principais rios do Maranhão eram dificultados pela presença de Grupos Indígenas, entre os quais podemos citar os Guajajara, Timbira e Gavião, as autoridades provinciais, tentaram neutralizar essa resistência, elaborando programas para o aldeamento desses índios, na forma de missões ou colônias especiais indígenas, que reuniam aldeias dispersas.

No Governo do Presidente Eduardo Olimpio Machado, o programa de Colonização da Província foi complementado pela criação de colônias militares, instaladas em áreas virgens da Província, especialmente em regiões onde a resistência indígena tornava impossível uma ocupação pura e simples do território. Foram apontadas três colônias: no Gurupi, no alto Pindaré e no Grajau. Essas colônias tinham como objetivos:

"1º servir de ponto de apoio à catequese e civilização das numerosas tribus indígenas, que vagueão pelas margens desses grandes rios...". (Relatório do Presidente da Província do Maranhão. 01/11/1853:32).

O "aldeamento" desses grupos indígenas, propiciava o assentamento de novos colonos, e resolvia, de certa forma, o problema da mão de obra.

"O fim, que tive em vista, criando essas directorias foi crêr, se era possível, por meio do trabalho dos indígenas, conseguir a abertura de estradas, que comunicassem as suas aldeas com os nossos povoados, a fim de despertar nelles o desejo de manterem relações comerciais, e, por conseguinte, o amôr ao trabalho e à vida social."(Relatório do Presidente da Província do Maranhão.03/05/1885:59).

Em 1860, o Presidente da Província, João Silveira de Souza, menciona os trabalhos executados pelo Padre Carlos Winckler, na tentativa de desenvolver o programa de "integração" do índio à sociedade nacional:

"O padre Carlos Winckler, missionário e director da colônia Leopoldina, encarregado pela presidência de

gidas

fazer uma entrada nas mattas povoadas pela tribo dos Índios Timbiras, nas imediações dos rios Grajahū, Pin darē e Mearim, de pregar evangelho, chama-los para as margens dos rios navegáveis, e incorpora-los aos aldeamentos e colônias existentes, acaba de conseguir a paz com sete aldeias compreendidas na directoria do rio Grajahū ... Para manter, porém os Índios . nessa paz, e remediar suas primeiras necessidades, não bastão as palavras e as promessas do missionário, é mister prestar-lhe alguns socorros, fazer-lhes alguns brindes, para que não desconfiem dos benéficas intenções do Governo" (Relatório do Presidente da Província do Maranhão, 03/05/1860:19:20).

O certo porém, é que o território Timbira vai aos poucos sendo ocupado, e conseqüentemente, os seus primários e naturais senhores, vão aos poucos desaparecendo.

A partir de 1917, tem início uma nova onda migratória, onde se destacam os nordestinos fugidos da seca, que aflorando para aquela região, acabam adentrando às terras dos Índios, que finalmente, vêem-se ilhados em fazendas e agregados em suas próprias terras.

Os remanescentes Timbira de Geralda Toco Preto, denominados por Nimuendaju, de Kre'pu'mkteye são testemunhas vivas desse processo desagregador, destribalizante e ainda persistente.

Já em 1919, o então Serviço de Proteção aos Índios, registra a presença e a decadência desses Índios, exatamente na localidade de Terra Nova, dentro da fazenda Independência, que incide na área indígena.

Nesse local (Independência), no outro lado do rio Grajau, havia três aldeias.

Da Independência, os Índios mudaram-se para a Gameleira,

Gulher

onde Nimuendaju os encontrou em 1929, já em território bastante reduzido.

Da Gameleira, os índios seguem para o local denominado Geralda, onde o SPI em 1942, fez instalar o Posto Indígena Araribóia, posteriormente (1950), transferido para a aldeia Funil, do Grupo Guajajara.

Essa transferência, acaba agravando ainda mais, a penúria dos Kre'pu'mkteye, vítimas de surtos epidêmicos e do processo espoliativo.

A dispersão é inevitável. Alguns seguem para Funil, ou tros, mudam-se para áreas dos Gavião, Krikati e povoados próximos. Outros, po rêm, continuam na aldeia Geralda, para onde retorna a maioria daqueles que se haviam transferidos para Funil.

A aldeia Toco Preto, próxima à de Geralda, formou-se com a mudança de alguns membros desta última e, ambas constituem dois grupos locais de uma mesma comunidade (Kre'pu'mkteye).

II. ÁREA PROPOSTA PELA FUNAI PARA DEMARCAÇÃO

A identificação preliminar da área indígena Geralda- Toco Preto com vistas à sua demarcação, data de julho de 1979.

A partir de então, sucederam-se vários estudos, todos po rêm, acordes em reconhecer a procedência e legitimidade da reivindicação da queles indígenas.

A área abrange uma superfície de 16.588,44 ha (dezesseis mil, quinhentos e oitenta e oito hectares, e quarenta e quatro ares).

Na realidade, essa área representa parte apenas, do habi tat tradicional dos Timbira Kre'pu'mkteye, como atestam as referências histó ricas e a tradição oral do grupo que, segundo os mais velhos, do alto da ser ra do Coco, a aproximadamente uma légua e meia da margem direita do grajau,

G. Alves

todas as terras avistadas, a cerca de sete ou oito léguas para além do rio, já do lado esquerdo, lhes pertenciam.

Na área proposta, todos os relatórios constantes no processo FUNAI/BSB/3593/79, identificam sítios de caça, pesca e áreas de coleta e cultivo, onde os índios desenvolvem efetivamente essas atividades essenciais, pois apesar dos tropeços de que têm sido vítimas, jamais deixaram de reconhecer como suas, aquelas terras, em toda a extensão dos limites definidos no mapa e memorial descritivo anexos.

III. SITUAÇÃO ATUAL

Na área indígena Geralda-Toco Preto, verifica-se um clima de tensão, onde o convívio entre índios e não índios, registra sérios conflitos, pela disputa posse da terra.

Prova disso, é que o Grupo de Trabalho instituído pela Portaria nº 1660/E, de 06 de julho de 1984, foi impedido de efetuar os levantamentos na parte Norte, correspondente à margem esquerda do rio, onde incidem na área indígena aproximadamente 9.000 (nove mil), dos quase 80.000ha (oitenta mil hectares), da fazenda Independência.

Na outra parte, na margem direita do rio, incidem dez ocupações de não índios, nenhum porém, com título de domínio, e cujas benfeitorias, perfazem um total de cr\$ 47.743.394,00 (quarenta e sete milhões, setecentos e quarenta e três mil, trezentos e noventa e quatro cruzeiros).

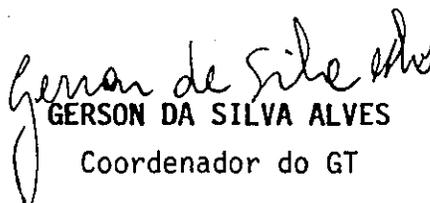
A regularização dessa área, deverá obedecer aos termos da EM nº 062, de 1980 e, as providências que se fazem necessárias, deverão ser atribuídas ao Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário.

A população indígena, é de 58 pessoas, devendo-se no en

Gilberto

tanto ressaltar que várias famílias pertencente àquele grupo e, dispersas em épocas anteriores como já se mencionou, estão retornando à área de origem e, com a demarcação das terras, esse retorno será definitivo.

Atenciosamente,


GERSON DA SILVA ALVES
Coordenador do GT